



A ORIGINAÇÃO DEPENDENTE

Organização: Gustavo Mokusen

Numa conversa com o Venerável Ananda, o Buda o previne para não subestimar a profundidade do princípio da Origem Dependente:

Ananda: - *“É maravilhoso e admirável, venerável senhor, que essa origem dependente seja tão profunda e difícil de ser vista, no entanto para mim ela parece tão simples, clara como a luz do dia”.*

Buda: - *“Não diga isso, Ananda, não diga isso. Esta origem dependente é um ensinamento profundo, difícil de ser visto. É por não entender, não compreender e não penetrar de forma completa este ensinamento que os seres ficam confusos como um novelo embaraçado, como uma corda embolada cheia de nós, como juncos enredados, e não conseguem escapar da transmigração, dos planos de miséria, dos destinos ruins, dos mundos inferiores.”*

Uma visão geral da Origem Dependente

O princípio da Origem Dependente é um dos ensinamentos Budistas mais importantes e único. Em muitos trechos do Cânone em Pali, ele foi descrito pelo Buda como uma lei da natureza, uma verdade fundamental que existe independente do surgimento de seres iluminados:

“Havendo ou não o surgimento de Iluminados essa propriedade se mantém – essa regularidade do Dharma, essa ordenação do Dharma, essa condicionalidade isto/aquilo.

O Iluminado desperta de forma direta para isso, penetra isso. Despertando de forma direta e penetrando isso, ele o explica, ensina, proclama, estabelece, revela, analisa, elucida. E ele diz,

‘Vejam, monges, do nascimento como condição, o envelhecimento e morte [surgem].

“Portanto, monges, a realidade disso, a infalibilidade, o que não é de outra forma, a condicionalidade isto/aquilo: a isto se chama origem dependente.”

As referências textuais que lidam com o princípio da Origem Dependente podem ser divididas em duas categorias principais. Primeiro, aquelas que descrevem o princípio geral e, segundo, aquelas que especificam os fatores constituintes ajuntados numa cadeia. O primeiro formato é com frequência usado como um esboço geral precedendo o segundo. O segundo, encontrado com mais frequência, é na maior parte das vezes expresso por si só.

Cada uma dessas duas categorias principais pode além disso ser dividida em dois membros, o primeiro mostrando o processo de origem (do sofrimento), o segundo, o processo reverso de cessação (do sofrimento).

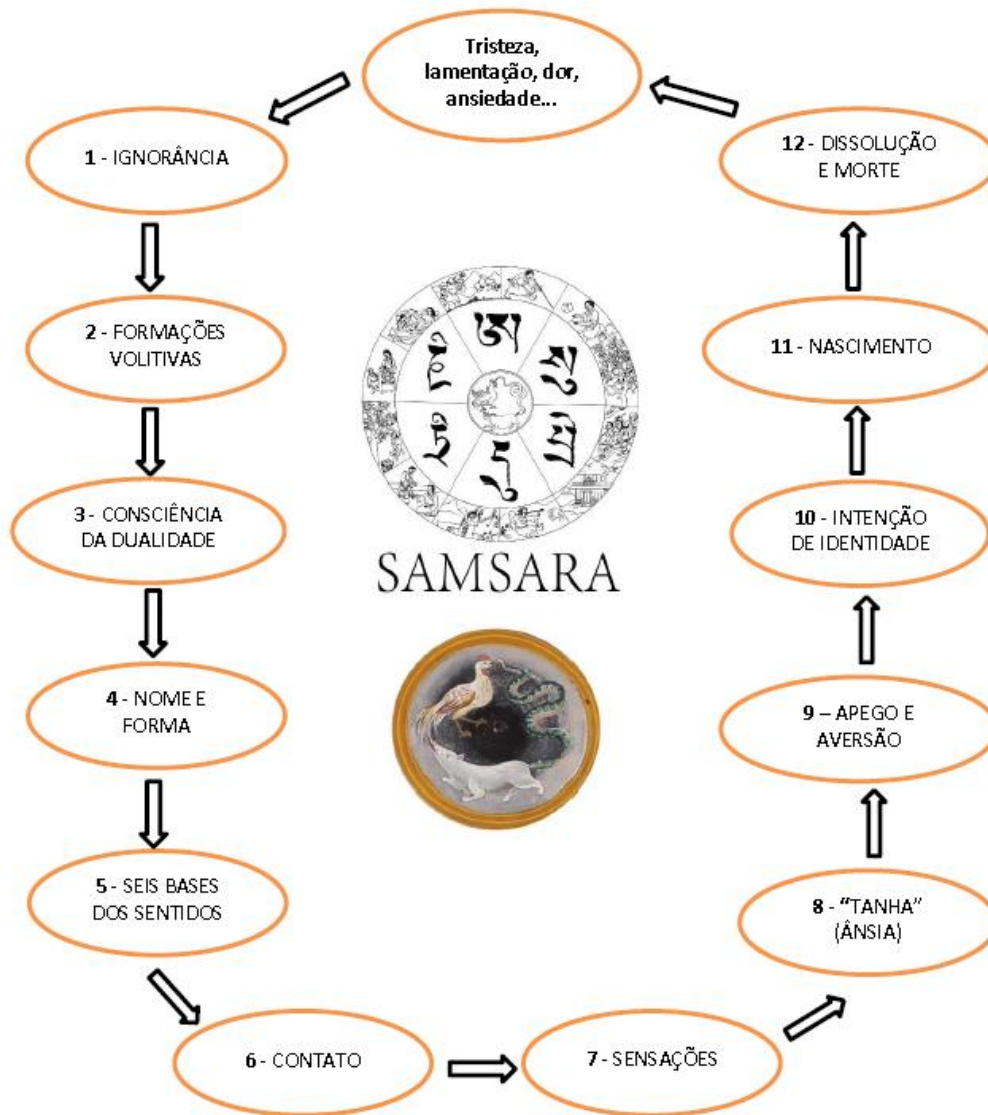
O princípio geral

Em essência, este princípio corresponde àquilo que em Pali é conhecido como *idappaccayata*, o princípio da condicionalidade.

A. Quando existe isso, aquilo existe.
Com o surgimento disso, aquilo surge.

B. Quando não existe isso, aquilo também não existe.
Com a cessação disto, aquilo cessa.

O princípio em funcionamento



Da ignorância como condição, há as formações volitivas.

Das formações volitivas como condição, há consciência da dualidade ("eu").

Da consciência da dualidade como condição, há a mentalidade-materialidade (nome e forma do "eu").

Da mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição, há as seis bases dos sentidos. (do "eu")

Das seis bases dos sentidos como condição, há o contato. (do "eu")

Do contato como condição, há a sensação (do "eu")

Da sensação como condição, há a ânsia. (do "eu")

Da ânsia como condição, há o apego e aversão. (do "eu")

Do apego e aversão como condição, há a intenção de identidade. (do "eu")

Da intenção de identidade como condição, há o (re)nascimento. (do "eu")

Do nascimento como condição, então há o envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgem. (do "eu")

Essa é a origem de toda essa massa de sofrimento (do "eu").

Do desaparecimento e cessação sem deixar vestígios dessa mesma ignorância, cessam as formações volitivas.

Da cessação das formações volitivas, cessa a consciência da dualidade ("eu").

Da cessação da consciência da dualidade, cessa a mentalidade-materialidade (nome e forma (do "eu").



Da cessação da mentalidade-materialidade (nome e forma), cessam as seis bases dos sentidos (do “eu”).
Da cessação das seis bases dos sentidos, cessa o contato (do “eu”).
Da cessação do contato, cessa a sensação (do “eu”).
Da cessação da sensação, cessa a ânsia (do “eu”).
Da cessação da ânsia, cessa o apego e aversão (do “eu”).
Da cessação do apego e aversão, cessa a intenção de identidade (do “eu”).
Da cessação da intenção de identidade, cessa o nascimento (do “eu”).
Da cessação do nascimento, então, o envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero cessam (do “eu”).

Essa é a cessação de toda essa massa de sofrimento (do “eu”).

Observe que este formato trata o princípio da Origem Dependente como o processo do surgimento e cessação do sofrimento. Esse é o fraseado mais comumente encontrado nos textos. Em alguns lugares, ele é apresentado como o surgimento e a cessação do mundo, – “Essa, bhikkhus, é a origem do mundo,” e – “Esse, bhikkhus, é o fim do mundo”; ou – “Assim este mundo surge;” e – “Assim este mundo cessa”. Ambos fraseados têm na verdade o mesmo significado, o que ficará claro uma vez que os termos sejam definidos.

O formato ampliado, mostrado acima, contém doze fatores ligados de forma interdependente como uma cadeia. Não possui início nem fim. A colocação da ignorância no início não indica que esta seja a Primeira Causa, ou Gênese, de todas as coisas. A ignorância é colocada no início apenas para efeito de visibilidade, detendo o ciclo e estabelecendo um ponto de início no ponto considerado mais prático. Somos na verdade avisados a não tomar a ignorância como a Primeira Causa, com a seguinte descrição do surgimento condicionado da ignorância: a ignorância surge com o surgimento das impurezas (sofrimento) e cessa com a cessação destas.

Os doze elos do formato padrão do princípio da Origem Dependente são contados apenas da ignorância até o envelhecimento e morte. Quanto à ‘tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero’, esses são na verdade subprodutos do envelhecimento e morte, para quem possua impurezas (*asava*) e contaminações (*kilesas*), que se tornam o ‘fertilizante’ para o futuro surgimento de impurezas e por consequência da ignorância, que mais uma vez gira o ciclo.

Outro ponto digno de menção é que a origem dependente desses elos não tem o mesmo significado de ‘ser causado por’ como tal. Os fatores determinantes que fazem com que uma árvore cresça, por exemplo, incluem não somente a semente, mas também o solo, a umidade, o fertilizante, a temperatura do ar e assim por diante. Esses são todos os fatores ‘determinantes’. Além disso, ser um fator determinante não necessariamente implica uma ordem sequencial no tempo. Por exemplo, no caso da árvore, os vários fatores determinantes, como a umidade, a temperatura, o solo e assim por diante, precisam existir em conjunto, não em sequência, para que a árvore se beneficie. Além disso, alguns fatores determinantes são interdependentes, cada um condicionando a existência do outro, como por exemplo, um ovo é uma condição para uma galinha, enquanto que uma galinha é uma condição para um ovo.

Como os elos se conectam

A tristeza, lamentação, dor, angústia e o sofrimento influenciam a mente de forma negativa. Sempre que o sofrimento surge, a mente fica confusa e embaralhada. O surgimento do sofrimento é, portanto, proporcional ao surgimento da ignorância, tal como mencionado:

“Tristeza, dor, angústia e desespero são inseparáveis da ignorância e a lamentação é a norma para o ser deludido. Por essa razão, quando a tristeza está completamente manifestada, assim também a ignorância está completamente manifestada.”

“Quanto à ignorância, saiba que ela surge da tristeza...”

“A ignorância está presente enquanto a tristeza estiver presente.”



“Com o surgimento das impurezas existe o surgimento da ignorância.”

Portanto, pode-se dizer que para o ser não iluminado, o envelhecimento e morte, junto com o seu séquito – tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero – são fatores para produzir mais ignorância, dessa forma girando o ciclo mais uma vez.

1 => 2. Ignorância como fator determinante para as formações: Sem conhecimento ou consciência da verdade, sem a compreensão clara ou reflexão sábia sobre as experiências, o resultado é o raciocínio confuso baseado na conjectura e na imaginação e condicionado pelas crenças, temores e traços de caráter acumulados. Como consequência, isso condiciona todas as decisões ao agir, falar ou pensar.

2 => 3. Formações como fatores determinantes para a consciência dual: Com a intenção, a consciência é condicionada como consequência. Temos a tendência, (ou estamos condicionados), a ver, ouvir e cogitar de acordo com as influências das nossas intenções arraigadas. Além disso, o contexto dentro do qual vemos, ouvimos ou cogitamos também estará condicionado por essas intenções. A intenção irá conduzir a consciência a repetidamente se recordar e proliferar acerca de certos eventos. A intenção também irá condicionar o estado de espírito básico, ou consciência, a assumir ou qualidades finas e boas, ou grosseiras e más; a consciência é condicionada de acordo com as intenções boas ou más.

3 => 4. Consciência como fator determinante para a mentalidade-materialidade (nome e forma): A cognição, visão, audição e assim por diante, implicam as propriedades físicas, e as propriedades mentais, que conhecemos e vemos. Além disso, quando a consciência opera, as propriedades físicas e mentais relevantes também precisam funcionar de acordo e de modo coordenado com a natureza daquela consciência. Por exemplo, quando a consciência está moldada pela raiva, as percepções que surgem como resultado serão igualmente negativas. O corpo irá assumir características em conformidade com a intenção hostil, tais como expressões faciais agressivas, tensão nos músculos e pressão sanguínea alta. As sensações serão desagradáveis. Quando a consciência assume qualquer característica em particular de forma repetida e habitual, as propriedades mentais e físicas subsequentes se tornarão os traços corporais e mentais de comportamento e caráter correspondentes.

4 => 5. Mentalidade-materialidade (nome e forma) como fatores determinantes para as seis bases dos sentidos: Quando a mentalidade-materialidade (nome e forma) funciona, os meios dos sentidos relevantes são ativados para satisfazer a sua demanda, (buscando informação relevante ou desfrutando de sensações). Essas portas dos sentidos irão funcionar de acordo com os estados corporais e mentais que as condicionam.

5 => 6. As seis bases dos sentidos como fatores determinantes para o contato: Com o funcionamento das várias portas dos sentidos, o contato, o choque com elas ou a plena consciência das sensações, surge na dependência da porta do sentido em questão estar funcionando naquele momento.

6 => 7. Contato como fator determinante para a sensação: Juntamente com a consciência tem que haver sensações de um tipo ou outro: agradável, desagradável ou neutra.

7 => 8. Sensação como fator determinante para a ânsia: Com a experiência de sensações prazerosas segue o deleite. Isto é a ânsia sensorial. Algumas vezes há a ânsia por uma posição da qual será possível controlar e desfrutar dessas sensações prazerosas. Esta é a ânsia de ser ou por estados de ser. As experiências que produzem sensações de desconforto ou sofrimento em geral provocam a ânsia de se livrar da fonte daquelas sensações. Este é a ânsia por não ser. Entre as sensações neutras, tais como a indiferença ou embotamento, existe uma ânsia sutil, de tal forma que a indiferença é considerada como uma forma sutil de sensação agradável, propensa a evoluir para a ânsia por formas mais aparentes de prazer a qualquer instante.

8 => 9. Ânsia como fator determinante para o apego e aversão: À medida que a ânsia se torna mais forte, ele se transforma operacionalmente em apego, um tipo de agarramento mental, criando uma atitude para com o objeto da ânsia e a avaliação desse objeto. Uma posição fixa é adotada em relação às coisas: se houver atração esta precipitará um efeito aglutinante, uma identificação com o objeto da atração. Qualquer coisa conectada com aquele objeto parecerá boa. Quando existe repulsa, o objeto daquela repulsa parece



afrontar o eu. Qualquer posição adotada em relação a essas coisas tende a reforçar o apego, que será dirigido para, e por outro lado irá reforçar o valor de:

- Objetos sensoriais
- Ideias e crenças
- Sistemas, modelos, práticas e assim por diante
- A crença num eu, que irá alcançar ou será impedida de alcançar os seus desejos.

9 => 10. Apego e aversão como fator determinante para o intenção de identidade: O apego e aversão condiciona estados de vida, tanto no nível de comportamento como em relação ao caráter e propriedades físicas e mentais. *Sucessos parciais nas ações de apego e aversão vão confirmando aparentemente uma identidade.* Estes poderiam por exemplo ser o padrão de comportamento e traços de caráter de alguém que aspira ficar rico ou que deseja o poder, fama, beleza, ou que odeia a sociedade e assim por diante.

10 => 11. Intenção de identidade como fator determinante para o nascimento: Dada uma situação de vida para ser ocupada e possuída, um ser surge para preenchê-la como desfrutador ou experimentador. Essa é a sensação distinta de ocupar ou possuir aquela situação de vida. Existe a percepção daquele que age e do que colhe os frutos das ações, daquele que tem êxito e do que fracassa, daquele que ganha e daquele que perde.

11 => 12. Nascimento como fator determinante para o envelhecimento e morte: O nascimento num certo estado traz consigo de modo inevitável as experiências de prosperidade e declínio que são parte dele. Estas incluem a iminente degeneração desse estado, as experiências de adversidade e ruína dentro dele, a separação e a destruição dele. Existe a constante ameaça do perigo e a necessidade constante de proteger e manter o eu. A inevitabilidade do declínio e da dissolução, junto com a constante ansiedade e esforço para proteger esse estado desses fatores, se combinam para causar tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero, ou, o sofrimento.

Um exemplo simples da Origem Dependente na vida cotidiana

Tomemos um exemplo simples de como o princípio da Origem Dependente opera na vida cotidiana. Suponha que existem dois colegas de escola chamados 'João' e 'José.' Sempre que eles se encontram na escola eles sorriem e dizem "Olá" um ao outro. Um dia João vê José e se aproxima dele com uma saudação amigável preparada, e só obtém o silêncio e uma expressão azeda como resposta. João se aborrece com isso e deixa de conversar com José. Neste caso, a cadeia de reações poderia evoluir da seguinte forma:

1. Ignorância: João desconhece a verdadeira razão da careta e do silêncio de José. Ele falha na atenção com sabedoria sobre o assunto e na averiguação das verdadeiras razões para o comportamento de José, que poderia não ter nenhuma relação com os sentimentos dele por João.

2. Formações volitivas: Como resultado, João prossegue pensando e formulando teorias na sua mente, condicionadas pelo seu temperamento e essas dão origem à dúvida, raiva, ressentimento, mais uma vez na dependência do seu temperamento.

3. Consciência: Sob a influência dessas contaminações, João segue pensando. Ele presta muita atenção e interpreta o comportamento e as ações de José de acordo com essas impressões anteriores; quanto mais ele pensa a respeito, mais certeza ele tem; cada gesto de José parece ofensivo.

4. Mentalidade-materialidade (nome e forma): Os sentimentos, pensamentos, estados de espírito, expressões faciais e gestos de João, isto é, o corpo e mente combinados, começam a assumir as características gerais de uma pessoa enraivecida e ofendida, preparada para agir de acordo com essa consciência.

5. Bases dos sentidos: Os órgãos dos sentidos de João estão preparados para receber uma informação relacionada e condicionada pela mentalidade-materialidade (nome e forma) no seu estado de raiva e mágoa.

6. Contato: O choque nos órgãos dos sentidos será das atividades ou atributos de José que parecem ser em particular relevantes ao caso, tais como olhares carrancudos, gestos hostis e assim por diante.

7. Sensação: Sensações, condicionadas pelo contato sensorial, são do tipo desagradável.

8. Ânsia: uma ânsia de não ser, surge o desgosto em relação àquela imagem ofensiva, o desejo que ela desapareça ou seja destruída.



9. Apego e aversão: Segue o apego ao pensamento obsessivo em relação ao comportamento aversivo de José. O comportamento de José é interpretado como um desafio direto; ele é visto como um disputador e aquela situação exige algum tipo de ação corretiva.

10. Intenção de identidade: O comportamento subsequente de João está sob a influência do apego e aversão, e as suas ações se voltam para a confirmação da destruição da amizade.

11. Nascimento: À medida que o sentimento de inimizade se torna mais distinto, ele é assumido como uma identidade. A distinção entre 'eu' e 'ele' se torna mais evidente e existe um eu que é obrigado a emergir e responder de alguma forma à situação, declarando-se como um eu que agora é inimigo.

12. Envelhecimento e morte: Esse 'eu,' ou condição de inimizade, existe e prospera dependendo de certas condições, tais como o desejo de aparentar ser durão, preservar a honra e o orgulho e de ser o vitorioso, sendo que todos possuem o seu respectivo oposto, tais como sentimentos de inutilidade, inferioridade e fracasso. Assim que aquele eu surge, ele é confrontado com a falta de qualquer garantia de vitória. Mesmo se ele obtiver a vitória que deseja, não há garantia por quanto tempo João será capaz de preservar a sua supremacia. Ele pode, na verdade, não ser o 'vencedor durão' que deseja ser, mas ao invés disso o derrotado, o fracote, aquele que se ridiculariza. Essas possibilidades de sofrimento brincam com o estado de espírito de João e produzem estresse, insegurança e preocupação. E estas por seu turno alimentam a ignorância, começando assim uma nova rotação do ciclo. Esses estados negativos são como feridas supuradas que não foram tratadas e assim continuam a desprender o seu efeito 'venenoso' na consciência de João, influenciando todo o seu comportamento e causando problemas tanto para ele mesmo como para os outros. No caso de João, ele poderá se sentir infeliz por todo aquele dia, falando de forma grosseira com quem quer que tenha contato com ele e assim aumentando a possibilidade de mais incidentes desagradáveis.

Neste caso, se fosse para o João praticar da forma correta ele seria aconselhado a começar com o pé direito. Vendo o mau humor do amigo, ele poderia usar sua inteligência (aplicando a atenção com sabedoria de acordo com causas e condições) e refletir que José deveria ter algum problema em mente – ele poderia ter sido censurado pela mãe, ele poderia estar precisando de dinheiro ou ele poderia simplesmente estar deprimido. Se João refletisse dessa maneira nenhum incidente teria ocorrido, a sua mente estaria despreocupada e ele poderia até mesmo ser levado a agir com compaixão e entendimento.

Uma vez que a cadeia de eventos tenha sido colocada em movimento, ela pode, no entanto, ser interrompida através da atenção plena em qualquer ponto. Por exemplo, se a cadeia de eventos prosseguisse até o contato sensual, onde as ações de José foram percebidas de forma negativa, João ainda poderia ter aplicado a atenção plena exatamente naquele ponto: ao invés de cair sob o poder do desejo de não ser, ele poderia, ao invés disso, considerar os fatos da situação e dessa forma obter um outro entendimento do comportamento de José. Ele poderia então refletir de forma sábia em relação a ambas as atitudes, as suas e aquelas do seu amigo, de modo que a sua mente não ficasse oprimida por reações emocionais negativas, mas ao invés disso, respondesse de uma forma mais clara e positiva. Esse tipo de reflexão, além de não criar problemas para ele mesmo também poderia servir para encorajar o surgimento da compaixão.

Assim, vemos claramente que o treinamento em atenção plena faz parte de um intrincado método que tem como objetivo geral libertar os seres do sofrimento gerado na origem dependente. Objetivamente falando, a prática da atenção plena torna possível frear a cadeia dos 12 elos em seu sétimo ponto (sensações), atenuando a ânsia por apego e aversão que é gerada no encontro das afetações sensoriais com o mundo. Portanto, o desenvolvimento da atenção plena não é um fim em si mesmo; ela deve estar sempre ligada ao cultivo dos estados mentais benéficos que promovam a liberação do sofrimento.